



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

8106 - Trabalho Completo - 14a Reunião da ANPEd – Sudeste (2020)

ISSN: 2595-7945

GT 15 - Educação Especial

FOTOGRAFIA E DEFICIÊNCIA VISUAL: ENTRE PESQUISAS E A ARTE

Luciene Pereira de Araújo - UERJ - PROPED - Universidade do Estado do Rio de Janeiro

FOTOGRAFIA E DEFICIÊNCIA VISUAL: ENTRE PESQUISAS E A ARTE

Este trabalho é a revisão de literatura de uma pesquisa de mestrado em andamento cujo objetivo é problematizar os processos de criação no ato fotográfico por pessoas com deficiência visual, considerando as suas experiências com a produção de fotografias. O levantamento de pesquisas já publicadas que abordam essa temática, assim como a análise dos trabalhos de fotógrafos cegos foi realizada, a fim de a partir do já produzido, pensar em novos modos de relação com a imagem em práticas menos normatizadas em um mundo em que as comunicações se dão majoritariamente no âmbito visual.

Nesse trabalho são suscitadas reflexões importantes no campo educacional, uma vez que propomos o deslocamento do lugar da fotografia como uma prática cultural possível, não só para videntes, mas também para pessoas com deficiência visual. Nesse meandro, colocamos em debate questões sobre o capacitismo e a concepção social de deficiência, fundamentais na construção de propostas de educação pautadas na perspectiva inclusiva, pautadas de modo a superar as barreiras que provocam os impedimentos.

Portanto, a fotografia é assumida, a partir da visão de Dubois (2012), como um processo e não somente um produto final, já que os registros passam pela subjetividade e escolhas do fotógrafo (câmera, tema, etc), apontando que a visão não é determinante para o ato de fotografar. Neste sentido, compreendemos que eficiência e deficiência não são duas realidades determinadas, já que diferentes abordagens para um mesmo tipo de atividade podem evidenciar os impedimentos (MORAES, 2010).

Para compor essa revisão de literatura valemo-nos de duas estratégias. A primeira foi a recuperação e análise de publicações a partir de portais eletrônicos, como: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações, Banco de teses Capes, Portal de periódicos Capes e Biblioteca Virtual em Saúde. Os descritores utilizados foram: deficiência visual, pessoas com deficiência visual, crianças com deficiência visual, fotografia, fotografia de crianças e fotografia na educação. A partir de uma primeira leitura dos resumos de 44 trabalhos encontrados, foram selecionados 12: 2 teses, 7 dissertações e 3 artigos.

A segunda estratégia, que compõe um terceiro grupo nessa revisão de literatura, se deu com a busca de fotógrafos cegos por meio de seus sites oficiais, entrevistas e documentários em que eles contam sobre seus processos de trabalho, as suas reflexões sobre fotografia e como se relacionam com esse fazer em um mundo tão visual.

Da primeira estratégia, observamos uma discussão comum à maioria dos trabalhos, a importância da percepção e de ressignificar o verbo “ver” como uma problemática para além do sentido da visão. Existem outras formas de apreender o mundo e se apropriar do que é produzido nele e a visão não é, necessariamente, o principal sentido para isso. Sendo possível discutir a apreensão das variadas formas de expressão da linguagem visual por pessoas com cegueira ou baixa visão e também como se dá a produção de imagens por elas.

As pesquisas encontradas foram categorizadas em dois grupos. O primeiro consiste em trabalhos que tratam da produção por pessoas com deficiência visual de conteúdo da linguagem visual, como fotografia e vídeos. O segundo aborda questões como acessibilidade, construção de imagens mentais e a prática docente.

Do primeiro grupo as questões levantadas se deram em torno do fazer fotográfico e de produção de vídeo por parte de pessoas com deficiência visual. Entre os trabalhos analisados foram discutidas as motivações para esse fazer, sobretudo refletindo sobre os olhares das pessoas cegas e com baixa visão a partir de suas percepções do mundo com os outros sentidos e as suas vivências. Essas discussões reiteram a concepção de fotografia como um processo, em que a construção da mesma não depende só do ver “com os olhos”, mas também da subjetividade de cada um em perceber e interpretar o mundo. Portanto, esses trabalhos apontam que é possível que o cego tenha acesso a algo que é tido culturalmente como elemento do mundo visual. Ao mudar a abordagem proporcionando outros contextos de experiência com a fotografia, a relação entre esta e o cego muda, gerando outros sentidos e pensamentos.

Já no segundo grupo, as questões discutidas se deram em torno de trabalhos que abordaram a construção de imagens mentais, a acessibilidade e do docente experienciando o lugar de não vidência tendo a fotografia como meio pedagógico para ressignificar o olhar. Essas discussões fazem refletir sobre como, estando no lugar de pessoas videntes, fazemos uso do sentido da visão e como passam despercebidos outros estímulos e formas de perceber o mundo. Ainda nesse sentido as discussões demonstram as dificuldades de apreensão de representações bidimensionais como a fotografia. Sobre essa problemática, Almeida, Carijó e Kastrup (2010), afirmam que a representação tátil bidimensional não é suficiente para que a pessoa cega tenha uma experiência estética equiparada, uma vez que estas são produzidas de acordo com regras visuais.

Por fim, no terceiro grupo, são feitas as análises dos trabalhos de alguns fotógrafos cegos que falam sobre seus processos de criação, sua relação com a fotografia e como começaram a se interessar por essa prática. Os registros sobre os depoimentos desses artistas mais uma vez apontam que nessa relação com a fotografia o processo é mais importante do que o produto final e que nessa construção enxergar não é um componente fundamental. Bavcar (2003) relata que fotografar é escrever com a luz. Sobre as intervenções que faz nos seus registros, ele afirma que mesmo em seu caráter bidimensional busca intervir de modo a colocar nas imagens a materialidade visível daquilo que ele observa. Eckert, outro fotógrafo, pensa em todos os detalhes antes de fazer seu “clique”, afirmando que não faz uma fotografia convencional e como não faz mais parte do mundo da visão o que ele tenta fazer agora é mostrar o mundo dos cegos e pintar com a luz, construindo imagens (DARK LIGHT..., 2009).

Desse modo, os trabalhos aqui apresentados tanto em pesquisas como os dos artistas, com seu olhar único em suas produções, a partir de suas experiências e motivações para os registros, reiteram a potencialidade da produção fotográfica por pessoas com deficiência visual quando o verbo ver é ressignificado e deslocam a fotografia de um lugar tido pelo senso comum como algo que só pode ser apreendido e produzido por pessoas videntes.

Palavras-chave: Fotografia. Deficiência visual. Educação Inclusiva.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Clara de; CARIJÓ, Filipe Herkenhoff; KASTRUP, Virgínia. Por uma estética tátil: sobre adaptação de obras de artes plásticas para deficientes visuais. *Fractal: Revista de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 22, n. 1, p. 85-100, Jan./Abr. 2010.

BAVCAR, Evgen. O verdadeiro valor do tempo. [Entrevista cedida a] Eduardo Veras, Edson Luiz André de Sousa e Elida Tessler. *Correio APPOA*. Porto Alegre, nov. 2015 Disponível em:

http://www.apboa.com.br/correio/edicao/250/entrevista_o_verdadeiro_valor_do_tempo/261. Acesso em: 29 mar. 2020

BAVCAR, Evgen; TESSLER, Elida; BANDEIRA, João. (orgs.). *Evgen Bavec*: Memória do Brasil. São Paulo: Cosac & Naify, 2003, 152 p.

DARK light: the art of blind photographers. Direção: Neil Leifer. Produção: Corinne Marrinan; Neil Leifer. Estados Unidos da América: HBO, 2009. 1 vídeo (30 min), son., color. Disponível em: <https://youtu.be/0RjOzdMwcrs>. Acesso em: 8 dez. 2019.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico e outros ensaios*. Tradução: Marina Appzenller. 14. ed. Campinas: Papyrus, 2012.

MORAES, Marcia. PesquisarCOM: política ontológica e deficiência visual. In: MORAES, Marcia; KASTRUP, Virgínia. *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa COM pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro: NAU, 2010, p. 26-51.